

---

**Lesões causadas por falta de EPIs, nas construções civil em  
trabalhadores autônomos**  
**Injuries caused for the lack of EPI (Individual Protection  
Equipment), in the civil constructions on self-employed  
workers**

---

ANDERSON DE ALVARENGA FERRAZ<sup>1</sup>  
ADILSON LOPES CARDOSO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com objetivos em identificar as causas de lesões traumáticas de trabalhadores na construção civil, identificou que o número lesões tem crescido muito, devido os trabalhadores autônomos na construção civil não utilizarem as EPIs, e não terem orientação específica de profissionais aptos a estarem intervindo, a estas lesões traumáticas permanentes ou não e com risco de morte e na maioria dos casos os mesmos colocam-se em risco, sendo que este tipo de serviço é o único meio de sustentar a si mesmo e sua família. A amostra desta pesquisa serão os trabalhadores da construção civil do município de Cerqueira Cesar em total de 200, sendo destes foram aleatoriamente entrevistados 10% do total, correspondendo ao número de 20 trabalhadores autônomos que atuam neste serviço, o questionário constará de 10 perguntas fechadas pertinentes ao assunto em questão. E através destas amostras de resultados, os trabalhadores autônomos precisam de métodos de ensino, e de profissionais aptos a darem palestras, de como fazer uso correto de EPIs, orientá-los em caso de ter ocorrido uma lesão para se encaminhado a um hospital por um enfermeiro, fazendo que os números de ocorrência não continuem aumentando cada vez mais.

**Palavras-chave:** construção civil, EPIs, traumas, trabalhadores autônomos.

**ABSTRACT:** This work aims at identifying the causes of traumatic injuries in construction workers, it could be identified that the number of

---

<sup>1</sup>Aluno do curso de pós-graduação em Enfermagem do Trabalho da Faculdade Ingá. Rua Antônio Israel Rosa, 261, Parque Nove de Julho CEP 18760-000, Cerqueira César-SP, e-mail: anderson\_ferraz@live.com

<sup>2</sup>Professor Orientador Mestre em Ginecologia, Obstetrícia e Mastologia pela UNESP.

injuries has grown immensely, on account of the fact that self-employed workers in construction do not use PPE (Personal Protective Equipment) as well as not having specific guidance of highly qualified professionals that could somehow intervene and help in these permanent or not traumatic injuries. The construction workers, in most cases, put their lives at risk carrying out this type of job knowing that it might be the only way of supporting themselves as well as their family. The sample of this research is taken from construction workers in the municipality of Cerqueira Cesar in a total of 200, out of these 10 % was randomly interviewed, which corresponded to the number of 20 self-employed workers who carry out the job. The questionnaire will be of 10 close-ended questions pertinent to the issue at hand. And through these samples a result could be reached that self-employed workers need teaching methods, and qualified professionals to give lectures on how to make proper use of PPE as well as to guide them in case of any injuries and correct procedure to rush them to a hospital so that a nurse can help, making the number of accidents decrease more and more.

**Key-words:** civil construction, IPE, traumas, self-help workers

## INTRODUÇÃO

No contexto mundial a construção civil é um dos ramos mais produtivos que apresenta maior precariedade nas condições de trabalho e segurança, especialmente no que se refere às políticas insalubres adotadas pelas construtoras; falta de fiscalização por órgãos responsáveis e; não o bastante, as leis trabalhistas não contemplam todos os trabalhadores envolvidos neste setor, excluindo a muitos dos direitos trabalhistas e, inevitavelmente, dos direitos sociais de cidadão (BORSOI, 2002; BRASIL, 2001b).

Constituem acidentes aqueles ocorridos por motivos do exercício profissional, resultando em agressões a saúde ou perturbações funcionais, que podem culminar em incapacidades ou até o óbito do indivíduo. Tais acidentes evidenciam a violenta exploração e precárias condições de trabalho e são, em sua grande maioria, passíveis de prevenção e/ou de serem evitados. Ressalta-se, que os mesmos acometem um grande número de pessoas, principalmente adultos jovens em idade produtiva, incapacitando-os para o trabalho (CARMO et al., 1995; VILELA, 2000; BRASIL, 2009).

Ressalta-se, que os acidentes de trabalho na construção civil constituem em um grave problema de saúde pública mundial, especialmente no Brasil. Comumente, números expressivos de

trabalhadores estão enquadrados neste setor, sendo observadas características, como: crescente vínculo empregatício informal, reduzidos salários, atividades mais individualizadas, baixa escolaridade, trabalhadores exercem suas profissões constantemente em situações precárias e insalubres, são principalmente adultos jovens, e estão mais propensos a acidentes de trabalho, resultando em altos índices de invalidez (temporária ou permanente) e óbitos (CARMO et al., 1995; SANTANA; OLIVEIRA, 2004; SILVEIRA et al., 2005).

Estes trabalhadores informais quando são vitimados de acidentes de trabalho são, em grande parte, assistidos pelo sistema público de saúde que não são conseguem enquadrá-los como trabalhadores e, portanto, os acidentes não são devidamente conduzidos para os dados oficiais da Previdência Social. Dessa forma, estes trabalhadores são excluídos do sistema, não sendo assistidos de forma adequada conforme as suas necessidades, como também esta situação corrobora para o aumento da sub-notificação de acidentes de trabalho no Brasil (BRASIL, 2001b; SILVEIRA et al., 2005).

Infere-se que a maioria dos trabalhadores da construção civil é composta por homens que ingressaram no trabalho muito novos, com idades inferiores a 15 anos. A falta de opção, por não exigir muita escolaridade e por medo de não conseguirem emprego foram motivos que os propiciaram a se submeterem a condições insalubres que as construtoras oferecem. É evidenciado neste setor que a maioria dos trabalhadores não recebe treinamentos profissionais relacionado aos riscos a que estão expostos e nem sobre como utilizar os equipamentos de proteção individuais (EPIs) e coletivos. Ressalta-se ainda que a falta de experiência no trabalho e de informação são considerados fatores importantes de riscos para acidentes de trabalho (BORSOI, 2002; SANTANA; OLIVEIRA, 2004; IRIART et al., 2008).

Como já mencionados, a falta de informação sobre a importância dos EPIs (botas, luvas, óculos de proteção, capacetes, cinto de segurança e os riscos a que os profissionais estão expostos, bem como a falta de aptidão de conclusão de algumas tarefas e desatenção nas atividades realizadas são justificativas aplausíveis que contribuem para a ocorrência de lesões de forma drástica e muito presente nos canteiros de obras (SANTANA; OLIVEIRA, 2004; SILVEIRA et al., 2005). Ratifica-se que só possuir os EPIs não é funciona, é fundamental o trabalhador saber como utilizá-los e porque utilizá-los. Pode ocorrer, em inúmeras vezes, o desgastes dos mesmos com o tempo, sendo necessário substituí-los, ou ainda a não conformidade de tamanho com o do profissional que irá

utilizá-lo. Menciona-se também que muitos profissionais autônomos não possuem condições financeiras para adquirir estes equipamentos essenciais. Tais condições levam a realização do trabalho sem nenhuma medida de proteção ou tendo que improvisar medidas que atenuem os riscos. Tais profissionais julgam injustamente que a culpa é sua pela desatenção ou; dizem que tinha que acontecer, pois estavam em seu destino; ou ainda justificam que os acidentes aconteceram por serem inerentes à profissão (SANTANA; OLIVEIRA, 2004; BORSOI, 2005; IRIART et al., 2008).

Estes profissionais informais que atuam neste ramo reconhecem que se encontram expostos a situação de riscos constantemente no seu dia-a-dia, mas continuam a realizar esta forma de trabalho por não possuir outra opção e tentam ocultar os seus medos, negando a totalidade dos riscos. Boa parte deles acredita, erroneamente, que os acidentes de trabalho são relacionados, principalmente pela falta de atenção dos trabalhadores. Não conseguem estabelecer uma relação lógica entre trabalho informal com maior risco de acidentes e/ou doenças por motivos de trabalho (BORSOI, 2005).

Alguns profissionais que sofreram acidente de trabalho não querem mostrar que se encontra em condição física desfavorável para o trabalho, pois necessitam do trabalho, temem perdê-lo, ou tem medo de serem vistos com maus olhos pela sociedade, pelo empregador ou por sua família. Temem ficar hospitalizados e que esta situação venha impedir de serem remunerados (SILVEIRA et al., 2005).

As técnicas de abordagem devem ser apropriadas para cada situação e tipo de grupo que se quer atingir. Assim, o profissional enfermeiro pode fazer uso de palestras ou explicações que podem conter perguntas e respostas; promover discussão em grupo; demonstrações e práticas podem ser usadas quando é preciso que habilidades sejam aprendidas; utilização de materiais didáticos como livros, panfletos, fotografias e vídeos. É importante que todo o ensino seja documentado para o paciente, pois ele pode fazer uso dele quando necessitar (NETTINA, 2007).

## METODOLOGIA

Será desenvolvido de forma descritiva através de aplicação de questionário aos trabalhadores de construção civil do município de Cerqueira Cesar/SP.

Para a realização desta investigação científica serão empregados os métodos dedutivo e indutivo. De acordo com Régis de Moraes (1973), estes consistem em recursos metodológicos gerais da ciência, que orientam as vias de raciocínio no desenvolvimento de pesquisas. O método dedutivo orienta do geral (hipóteses) ao particular (conclusões). Já o método indutivo orienta do particular (fatos específicos) ao geral (conclusões gerais). Segundo o mesmo autor, ambos os recursos metodológicos se complementam, ou seja, a utilização de um não exclui o outro. A escolha de tais métodos justificou-se pelo fato de que, a partir destes, será possível compilar os conhecimentos teóricos a respeito do tema, através da fundamentação teórica, bem como possibilitará generalizar este conhecimento, através da proposta de intervenção, de tal modo que, estes métodos mostrar-se-ão adequados à que se propõe à atuação. A amostra desta pesquisa serão os trabalhadores da construção civil do município de Cerqueira Cesar em total 200, sendo destes foram aleatoriamente entrevistados 10% do total, correspondendo ao número de 20 trabalhadores autônomos que atuam neste serviço, o questionário constará de 10 perguntas fechadas pertinentes ao assunto em questão, os entrevistados responderão ao questionário após assinar o termo de livre esclarecido e da informação da aprovação da Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa contidas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Os Comitês de Ética em Pesquisa deverão ser credenciados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

## REFLEXÕES

Considerando-se fator principal o comprometimento dos trabalhadores na construção civil em relação ao uso de EPIs, verificou-se que a maior parte destes (14) descreveram que usavam o EPIs e (06) relataram não haver necessidade em usar apesar dos riscos existentes. (gráfico 1). 20 disseram saber o que é EPIs (gráfico 2), 15 disseram que alguém já orientou sobre a importância de se usar EPIs e 05 de não terem orientação de se usar EPIs (gráfico 3), sendo que no gráfico 2 disseram saber o que é EPIs, 15 relataram ter se machucado no local de trabalho e 05 disseram que não se machucaram (gráfico 4), 14 relataram ter procurado um hospital no caso de ter-se machucado no serviço e 06 disseram que não (gráfico 5), 03 relatam ter ficado no hospital de observação médica em caso de ter machucado e 17 disseram que não ficaram de observação médica (gráfico 6), 01 relatou ter ficado internado no hospital por ter se machucado, e 19 disseram não ter ficado internado (gráfico 7), 01 relatou

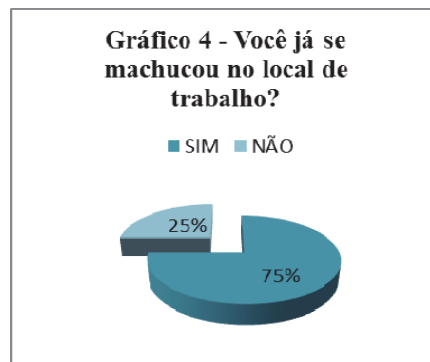
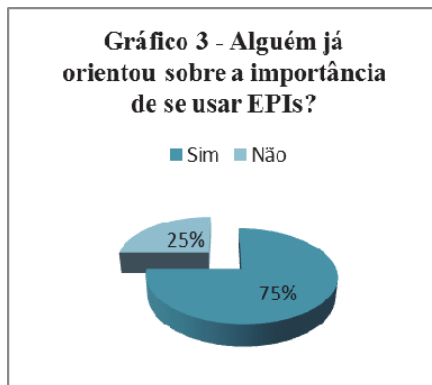
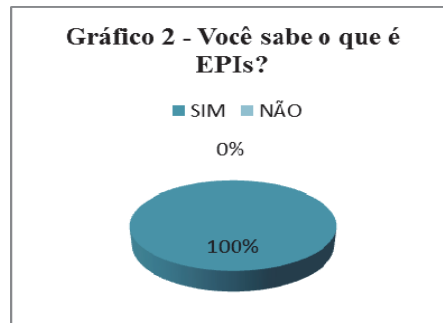
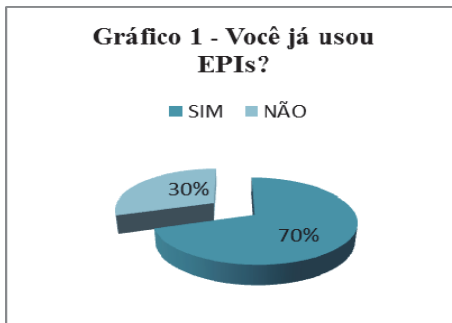
que o médico precisou transferi-lo para outro hospital, 19 disseram que não (gráfico 8), 19 disseram que conhece alguém que se machucou no local de serviço e 01 falou que não (gráfico 9), 07 disseram que conhece a pessoa que ficou em uma cadeira de rodas por se machucar no serviço e 13 disseram que não conhece (gráfico 10).

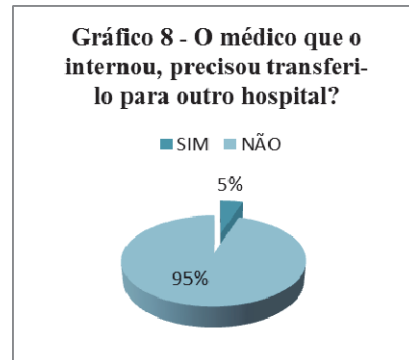
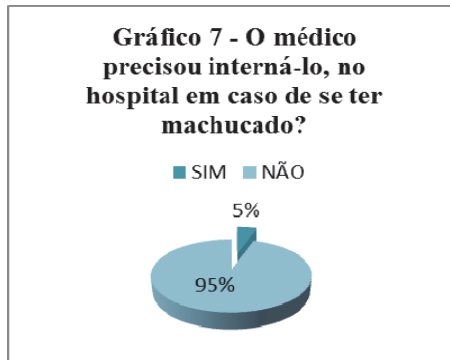
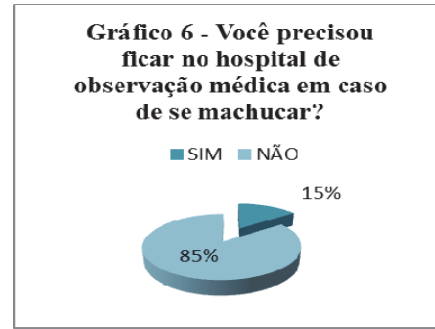
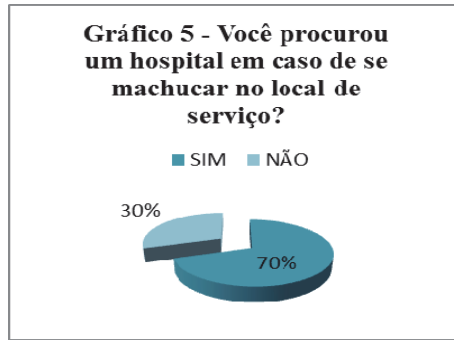
Tais acidentes evidenciam a violenta exploração e precárias condições de trabalho e são, em sua grande maioria, passíveis de prevenção e/ou de serem evitados. Ressalta-se, que os mesmos acometem um grande número de pessoas, principalmente adultos jovens em idade produtiva, incapacitando-os para o trabalho (CARMO et al., 1995; VILELA, 2000; BRASIL, 2009). É evidenciado neste setor que a maioria dos trabalhadores não recebe treinamentos profissionais relacionado aos riscos a que estão expostos e nem sobre como utilizar os equipamentos de proteção individuais (EPIs) e coletivos. (BORSOI, 2002; SANTANA; OLIVEIRA, 2004; IRIART et al., 2008). Como já mencionados, a falta de informação sobre a importância dos EPIs (botas, luvas, óculos de proteção, capacetes, cinto de segurança e os riscos a que os profissionais estão expostos, bem como a falta de aptidão de conclusão de algumas tarefas e desatenção nas atividades realizadas são justificativas aplausíveis que contribuem para a ocorrência de lesões de forma drástica e muito presente nos canteiros de obras (SANTANA; OLIVEIRA, 2004; SILVEIRA et al., 2005). Ratifica-se que só possuir os EPIs não é funciona, é fundamental o trabalhador saber como utilizá-los e porque utilizá-los. Menciona-se também que muitos profissionais autônomos não possuem condições financeiras para adquirir estes equipamentos essenciais. Tais condições levam a realização do trabalho sem nenhuma medida de proteção ou tendo que improvisar medidas que atenuem os riscos. (SANTANA; OLIVEIRA, 2004; BORSOI, 2005; IRIART et al., 2008). Estes profissionais informais que atuam neste ramo reconhecem que se encontram expostos a situação de riscos constantemente no seu dia-a-dia, mas continuam a realizar esta forma de trabalho por não possuir outra opção e tentam ocultar os seus medos, negando a totalidade dos riscos. (BORSOI, 2005). Assim, o profissional enfermeiro pode fazer uso de palestras ou explicações que podem conter perguntas e respostas; promover discussão em grupo; demonstrações e práticas podem ser usadas quando é preciso que habilidades sejam aprendidas; utilização de materiais didáticos como livros, panfletos, fotografias e vídeos. (NETTINA, 2007).

Entendemos que os trabalhadores autônomos na construção civil não costumam fazer uso de EPIs no local de trabalho (informal), e que a

maioria por não terem condições financeiras, não compram as EPIs, pois ao mesmo tempo, o local que vende as EPIs não prestam o serviço de como orientar e usar corretamente as EPIs, então esta classe de trabalhadores, sabe dos riscos, e se expõem de maneira a se lesar seriamente no local de trabalho em seu dia a dia, e por não terem um profissional apto a fazer orientações específicas ao uso, e que a maior parte destes trabalhadores, não são aptos a exercer a função, não recebem treinamentos, orientações específicas ao uso correto das EPIs e desatenção durante a execução das suas atividades, sendo que, a maioria por não terem opção de serviço, se sujeitam as atividades neste ramo da construção civil, que são arriscadas podendo leva-los a lesões graves, permanentes e a mortes.

Levantamento realizado na cidade de Cerqueira Cesar-SP no ano de 2013 com pesquisa de campo (perguntas fechadas) com total de 20% de 100% dos entrevistados, voltado aos trabalhadores autônomos na construção civil.





## REFERÊNCIAS

BORSOI, I.C.F. Acidente de trabalho, morte e fatalismo. **Psicologia & Sociedade**. Ceará.v.17, n1, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n1/a04v17n1.pdf>>acesso em 20 jul. 2013.



BORSOI, I.C.F. Os sentidos do trabalho na construção civil: o “esforço alegre” sem a alegria do esforço. In: JACQUES; M.da G.; CODO; W. (Orgs). **Saúde Mental e trabalho: leituras**. Petrópolis: Voices, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O SUS de A a Z: garantindo a saúde nos municípios/Ministério da Saúde, Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde- 3 ed.** Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <[http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/pdf/2011/Set/19/sus\\_3edicao\\_completo\\_190911.pdf](http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/pdf/2011/Set/19/sus_3edicao_completo_190911.pdf)> acesso em 30 jul. 2013.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Segurança e saúde no trabalho. **Análise de acidentes de trabalho**. Brasília: Ministério do Trabalho, 2001b.

CARMO, J.C. et al. Acidentes do trabalho. In: MENDES, R. **Patologia do trabalho**. Rio de Janeiro: Ateneu; 1995.

IRIART, J.A.B et al. Representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre trabalhadoras domésticas e trabalhadores da construção civil. **Ciência & saúde coletiva**. 17 Salvador, v.13, n.1, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000100021](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000100021)> acesso em 25 jul. 2013.

NETTINA, S. M. **Brunner: Prática de Enfermagem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. v.1.

SANTANA, V.S.; OLIVEIRA, R.P. Saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro (RJ), v.20, n.3, p.797-811, mai/jun, 2004. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n3/17.pdf>> Acesso em 15 jul. 2013.

SILVEIRA, C.A. et al. Acidentes de trabalho na construção civil identificados através de prontuários hospitalares. **Rev Esc Minas**, Ouro Preto (MG), v.58, n.1, p. 39-44, jan/mar, 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0370-44672005000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-44672005000100007)> Acesso em 18 jul. 2013.

VILELA, R.A.G. **Acidentes do trabalho com máquinas: identificação de riscos e prevenção**. São Paulo (SP): Central Única dos Trabalhadores, 2000.

Enviado em: setembro de 2013.

Revisado e Aceito: outubro de 2013.

